

Coragem – os poemas femininos de Anna Świrszczyńska

Tradução e apresentação de Piotr Kilanowski¹
Universidade Federal do Paraná

Anna Świrszczyńska (1909-1984) já é conhecida pelo leitor brasileiro do livro *Eu construía a barricada* (2017). Além da autora daquele testemunho poético potente também foi uma das mais importantes poetisas femininas e feministas da Polônia. Por mais que tivesse recebido uma grande divulgação e carimbo atestando a excelência de sua arte do poeta polonês, ganhador de prêmio Nobel de 1980, Czesław Miłosz, (no livro *Jakiegoż to gościa mieliśmy*, Mas que hóspede que nós tivemos) a sua poesia ainda permanece insuficientemente divulgada e lida. Embora possamos encontrar seus poemas gozando de muita popularidade na internet, ainda não foi publicado um volume que reunisse sua obra poética completa. Embora haja cada vez mais estudos acadêmicos em torno da autora, embora sejam publicadas obras inéditas como seu diário íntimo, embora depois de anos foi republicado o volume *Eu construía a barricada*, a obra da autora e ela mesma ainda estão esperando o devido lugar nas pesquisas e nas prateleiras.

A seleta aqui apresentada não contempla os mais importantes dos poemas feministas de Świrszczyńska (com exceção, talvez, do poema "Coragem"). A ideia, ao contrário é mostrar os poemas que não sejam grandes manifestos da autora, excetuando-se novamente o poema "Coragem". Muito pelo contrário, são poemas que dispensam ao assunto das mulheres uma atenção cotidiana, quase prosaica. Em palavras simples e concisas a autora expressa os dramas e as realidades femininas. Coloca o assunto "mulher" no centro das atenções e aumenta assim os limites do mundo apresentados pela literatura.

O feminismo de Świrszczyńska foi taxado muitas vezes de visceral ou corporal. De fato, muito frequentemente a autora parte da descrição da experiência corporal para descrever o mundo, mas isso não deve ser tratado como uma desvantagem. Muito pelo contrário, temos a oportunidade de perceber o universo a partir da única realidade que de fato nos é concedida, a realidade do corpo. Ao mesmo tempo, a cisão eterna entre

¹ Tradutor e professor de literatura polonesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: emaildopiotr@gmail.com.

corpo e alma, é um tema sempre presente na autora, que ao mesmo tempo sente uma forte identificação com o corpo e questiona e recusa a realidade que nos reduza a corporalidade apenas.

Maternidade, erotismo, violência física e simbólica contra a mulher, conflito contínuo entre o que queremos e o que fazemos transparecem tanto nessa poesia, quanto nessa pequena seleta que faz parte de um projeto maior de trazer a poesia feminina de Świrszczyńska com toda sua força e importância para as leitoras e os leitores no Brasil. Espero que essa pequena amostra seja o suficiente para provar a necessidade de termos essa poesia em português.

Vemos nos poemas selecionados o questionamento da herança feminina no mundo patriarcal ("Minha filha"), que toma forma de uma maldição hereditária como as das tragédias gregas. Vemos a revolta contra a condenação da mulher à maternidade e à condenação que a maternidade significa na vida de uma mulher ("A primeira olhada"), que, junto com a percepção da tragicidade do destino feminino expresso no poema "Minha filha", aumenta o peso da maldição hereditária. A tragicidade presume, no entanto, que ao lado da escolha privada de possibilidade real de escolher, também haja glórias. A beleza da mulher que foge dos padrões estéticos impostos, dando uma outra dimensão a percepção da corporalidade está apresentada no poema "A sua barriga". O parto e as suas consequências unem o céu e a terra no poema "Fala a mulher negra" que foi uma das primeiras tentativas na literatura polonesa de refletir a respeito da questão de negros. O poema foi extraído do livro *Czarne słowa* (As palavras negras), de 1967, que tentou trazer o tema para a literatura polonesa por meio de poemas estilizados para cantos tribais ou relatos orais africanos, retirando deles, no entanto, todo o exotismo e usando-os para falar das percepções universais e atuais. De alguma maneira o livro marcou a volta da autora para o universo de poesia depois de anos dedicados a obra dramática e infantil (muitas vezes motivada por necessidades econômicas). A partir do livro publicado em 1967, Świrszczyńska reencontra sua voz poética (diga-se passagem refeita em comparação com seus poemas anteriores e em contínuo processo de renovação). Os seus livros poéticos que seguem *Wiatr* (O vento), de 1970, *Jestem baba* (Sou mulher), de 1972, *Budowałam barykadę* (Eu construía a barricada, 1974, *Szczęśliwa jak psi ogon* (Feliz como o rabo de cachorro, 1978) e o póstumo *Radość i cierpienie* (A alegria e o sofrimento), de 1985, são livros de uma poeta madura, que aos sessenta anos encontrou o seu tema e a sua voz poética. Surpreende o fato de que os poemas eróticos nos quais a corporalidade esteja tão presente sejam a obra de uma

senhora de seus sessenta anos escrita nos anos sessenta? Pois bem, Świrszczyńska era uma surpresa contínua ao seu meio. Vegetariana, praticante de ioga e de corridas, adepta a liberdade de costumes e preocupada com os marginalizados, a poeta certamente não era a pessoa que se adequava nem à sua época, nem à provinciana Cracóvia dos tempos de totalitarismo comunista. Além de poeta reservada, separada de coteries artísticas era percebida como escandalista, que ousava praticar corrida nas ruas, denunciar a marginalização das mulheres e a violência contra elas ou namorar os rapazes mais novos não fazendo disso nenhum segredo.

Espero que essa primeira seleta de poemas femininos, que inicia com um daqueles que poderiam ser chamados de manifestos poéticos, "Coragem", publicado em livro em 1970, permita visualizar o lado feminista de Anna Świrszczyńska com mais nitidez. O poema dos anos sessenta, escrito num país com a moralidade tradicional, reforçada com a moralidade estatal que presumiam um papel delimitado para as mulheres continua revolucionário num outro país, com visão muito mais liberal e cinquenta anos depois. Apenas essas informações já ajudam a dar a devida dimensão à coragem, ao inovadorismo e à importância da poeta e da sua poesia feminina.

Odwaga	Coragem
<p>Nie będę niewolnicą żadnej miłości. Nikommu nie oddam celu swego życia, swego prawa do nieustającego rośnięcia aż po ostatni oddech.</p>	<p>Não serei escrava de nenhum amor. A ninguém entregarei o objetivo da minha vida, meu direito de crescer incessantemente até o último suspiro.</p>
<p>Spętana ciemnym instynktem macierzyństwa, spragniona czułości jak astmatyk powietrza, z jakim mozołem buduję w sobie swój piękny człowieczy egoizm, zastrzeżony od wieków dla mężczyzny.</p>	<p>Atada pelo obscuro instinto da maternidade, ávida por ternura como um asmático por ar, com que labuta construo em mim meu belo e humano egoísmo, reservado há séculos para o homem.</p>
<p>Przeciw mnie są wszystkie cywilizacje świata, wszystkie święte księgi ludzkości pisane przez mistycznych aniołów wymownym piórem z błyskawicy. Dziesięciu Mahometów w dziesięciu wytwornie omszałych językach grozi mi potępieniem na ziemi i wiecznym niebie.</p>	<p>Contra mim estão todas as civilizações do mundo, todos os livros sagrados da humanidade escritos pelos anjos místicos com a loquaz pena do relâmpago. Os dez Maomé em dez línguas cobertas de requintada pátina me ameaçam com a danação na terra e no céu eterno.</p>

<p>Przeciw mnie jest moje własne serce. Tresowane przez tysiąclecia w okrutnej cnocie ofiary.</p>	<p>Contra mim está meu próprio coração. Por milênios adestrado na virtude cruel do sacrifício.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Moja córka</p> <p>Zbudowałam dom, wybrałam mężczyznę, czynię swoją pracę. Potem odejdę i przyjdzie moja córka. Zbuduje dom, wybierze mężczyznę, wykona pracę. Potem odejdzie. Rodząc skazałam ją.</p>	<p>Minha filha</p> <p>Construí a casa, escolhi o homem, faço meu trabalho. Depois partirei e virá a minha filha. Construirá a casa, escolherá o homem, fará o trabalho. Depois partirá. Parindo ela, a condenei.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Pierwsze spojrzenie</p> <p>Po raz pierwszy spojrzałam na swoje dziecko z nienawiścią. Wiedziałam, że odbierze mi wolność. Że będę musiała je kochać więcej niż siebie, więcej niż jakiegokolwiek mężczyznę, więcej niż cel swojego życia.</p>	<p>A primeira olhada</p> <p>Pela primeira vez olhei para minha filha com ódio. Sabia que ela iria tirar a minha liberdade. Que terei que amá-la mais que a mim mesma, mais que qualquer homem, mais que o objetivo da minha vida.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Jej brzuch</p> <p>Ma prawo mieć gruby brzuch, jej brzuch urodził pięcioro dzieci. Grzały się przy nim, był słońcem ich dzieciństwa. Pięcioro dzieci odeszło, został jej gruby brzuch. Ten brzuch jest piękny.</p>	<p>Sua barriga</p> <p>Ela tem direito de ter a barriga gorda sua barriga pariu cinco filhos. Aqueciam-se ao seu lado, ela era o sol da sua infância. Os cinco filhos partiram ela ficou com a barriga gorda. Essa barriga é linda.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Mówi czarna kobieta</p> <p>Leżę na ziemi. Patrzę w niebo. Krzyczę. Rodzę człowieka. Przestaję krzyżeć.</p>	<p>Fala a mulher negra</p> <p>Deito em cima da terra. Olho para o céu. Grito. Estou parindo um ser humano. Cesso de gritar.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Urodziłam człowieka. Patrzę w niebo.	Pari o ser humano. Olho para o céu.
-----------------------------------------	----------------------------------------

<p>Zgrzebło z żelaza</p> <p>Dziś nie przychodź do mnie. Gdybym uchylała drzwi, nie poznałbyś mojej twarzy. Bo dziś u mnie remanent i kapitalny remont, bilans doroczny, wielkie pranie. Generalna próba końca świata w mikrokosmosie.</p> <p>Zgrzeblem z żelaza szoruję ciało aż do kości. Zdjęłam z kości skórę, wisi obok, gołe wnętrzności dymią, drgają gołe żebra, a tu sąd, wysoce wysoki trybunał idzie sądzić w trybie doraźnym. Wszystkie wyroki skazujące.</p> <p>Sądzi mózg i oczy wyjęte z czaszki, grzeszną nagość miednicy i zębów bez dziąseł, płuca nieczyste, leniwe golenie. O, ciężko się dzisiaj trudzę, zgrzeblem z żelaza szoruję ciało aż do kości, kość aż do szpiku. Chcę być czystsza niż kość. Chcę być czysta jak nicość.</p> <p>Sądzę, wykonuję wyroki, dygocę z przerażenia, skazanka i upracowany kat. Robię bilans, pocę się krwawym potem.</p> <p>Więc nie przychodź dziś do mnie. Nie kupuj kwiatów. Szkoda forsy.</p>	<p>Almofaça de ferro</p> <p>Não venha até mim hoje. Se eu entreabrisse a porta, você não reconheceria a minha face. Hoje estou fechada para inventário e para reforma substancial, o balanço anual, uma grande lavagem de roupa. O ensaio geral para o fim do mundo no microcosmo.</p> <p>Com almofaça de ferro esfrego o corpo até o osso. Tirei a pele dos ossos, está pendurada ao lado, as entranhas nuas esfumaçam, as costelas nuas tremulam, e aqui o julgamento, meritissimamente meritíssimo tribunal vai julgar sumariamente. Todos os veredictos condenatórios.</p> <p>O cérebro e os olhos retirados do crânio julgam a nudez pecaminosa da bacia e dos dentes sem gengivas, os pulmões impuros, as pernas preguiçosas. Oh, é pesado a trabalhadeira de hoje, com almofaça de ferro esfrego o corpo até o osso, o osso até a medula. Quero ser mais limpa que o osso. Quero ser limpa como o nada.</p> <p>Julgo, executo os veredictos, tremo de pavor, a condenada e o carrasco cansado de trabalhar. Faço balanço, suo com suor de sangue.</p> <p>Então não venha até mim hoje. Não compre flores. Não gaste sua grana.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Patrę przez oczy zalane łzami</p> <p>Dałam mu cierpienie, choć tak bardzo chciałam dać szczęście.</p> <p>A on wziął je delikatnie, jak się bierze szczęście. W dzień trzyma je na sercu, śpi z nim w nocy, kocha je tak jak mnie. Ono jest bardziej niż ja godne miłości, bardziej czyste i wierne.</p> <p>Patrę, jak je niesie, plecy zginają się coraz bardziej pod ciężarem, patrę przez oczy zalane łzami.</p> <p>Jak niesie cierpienie, które mu dałam, choć tak bardzo chciałam dać szczęście.</p>	<p>Vejo com os olhos inundados de lágrimas</p> <p>Lhe dei o sofrimento, embora quisesse tanto lhe dar a felicidade.</p> <p>E ele recebeu-o delicadamente, como se recebe a felicidade. De dia o mantém sobre o coração, dorme com ele de noite, ama-o, assim como a mim. Ele é, mais que eu, digno de amor, mais puro e fiel.</p> <p>Vejo como lhe carrega, as costas curvam cada vez mais debaixo do peso, vejo com os olhos inundados de lágrimas.</p> <p>Como carrega o sofrimento, que lhe dei, embora quisesse tanto lhe dar a felicidade.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Rodzina</p> <p>Idzie do niej z pięściami. Strzepnął z portek jak muchę dwie małe ręce, które go chciały zatrzymać.</p>	<p>Família</p> <p>Ele anda na direção dela com os punhos fechados. Tirou da calça como se fosse uma mosca as duas mãos pequenas que queriam detê-lo.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

REFERÊNCIAS

MIŁOSZ, Czesław. *Jakiegoż to gościa mieliśmy: o Annie Świrszczyńskiej*. Kraków: Znak, 1996.

STAPKIEWICZ, Agnieszka. *Ciało, kobiecość i śmiech w poezji Anny Świrszczyńskiej*. Kraków: Universitas, 2014.

STAWOWY, Renata Edyta. *Gdzie jestem ja sama: o poezji Anny Świrszczyńskiej*. Kraków: Universitas, 2004.

ŚWIRSZCZYŃSKA, Anna. *Eu construí a barricada*. Org. e trad. de Piotr Kilanowski. Curitiba: Dybbuk, 2017. (Budowałam barykadę). Revisão da tradução: Eneida Favre.

_____. *Budowałam barykadę*. Warszawa: Czytelnik, 1974.

_____. *Cierpienie i radość*. Warszawa: PIW, 1985.

_____. *Czarne słowa*. Kraków: Wydawnictwo literackie, 1967.

_____. *Jestem baba*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1972.

_____. *Szczęśliwa jak psi ogon*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1978.

_____. *Wiatr*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1970.